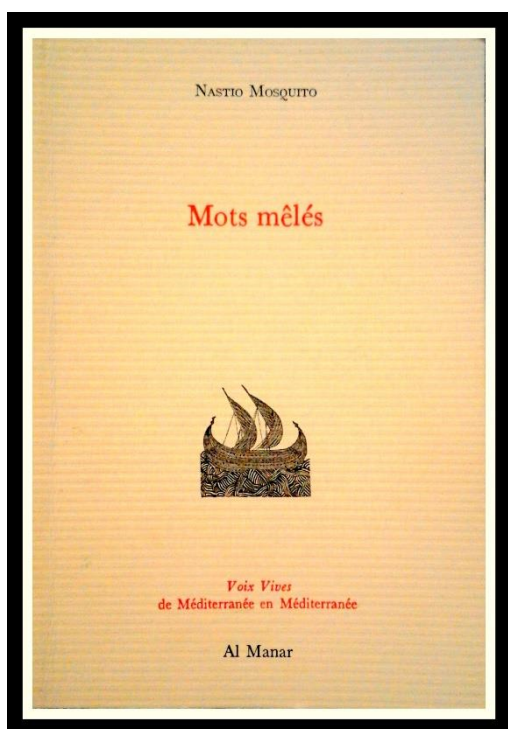


Sopa de letras, de Nástio Mosquito

Ana T. Rocha

O passado mês de setembro foi especial para o artista angolano Nástio Mosquito, que disponibilizou para *download* gratuito o seu mais recente álbum, *Gatuno Eimigrante & Pai de Família*, e esteve em destaque no MoMA (Museu de Arte Moderna de Nova Iorque) com a sua primeira exposição individual nos Estados Unidos da América. Em outubro, no âmbito da inauguração do MAAT (Museu de Arte, Arquitectura e Tecnologia), em Lisboa, apresentou a performance *Respectable Thief*.



Nástio conquista cada vez mais espaço, visibilidade e reconhecimento. Por isso e pelo facto de as suas músicas, vídeos e letras serem sempre um sucesso em sala de aula (como já pude comprovar, quer em Coimbra, quer em Paris, e sempre entre alunos de vários pontos do mundo) o Contracapa decidiu lembrar esta semana que, em julho de 2011, a editora francesa *Al Manar* publicou, na coleção *Voix Vives de Méditerranée en Méditerranée*, o livro *Mots mêlés* (podemos traduzir por *Sopa de letras*) com alguns poemas de Nástio Mosquito, que encontramos musicados nos seus dois primeiros álbuns. Esta edição da *Al Manar* é

bilingue (português-francês) e conta com a tradução de Catherine Dumas.

Entre poemas como “Falam-me de raízes”, “Beijo no rabo”, “Angola não me respeita”, “As minhas pretas”, “Supositório transitório (o hino)”, “Se eu fosse angolano”, entre outros, Nástio cria espaço para uma linguagem cuja força e ritmo a aproxima da pulsão. Consequentemente, a crítica social (temática monopolizadora) torna-se passível de ser compreendida como mais uma pulsão deste “sujeito poético”. A poética de Nástio -, que ele conscientemente constrói para atingir determinados fins, nomeadamente no que diz respeito à receção do leitor/ouvinte e à própria composição ela-mesma -, suporta-se, sobretudo em alguns fortes pilares *qui vont avec*: o improvisado, a oralidade, a memória e o ritmo.

Incomparável no contexto angolano, Nástio é o artista que atribui novas performances, cores, sons e roupagens a características, afinal, tradicionais.